

qualquer outro cristão) para com as leis. Dessa forma, se o teólogo obedece à Lei, ele o faz sem prender-se à sua positividade, mas assumindo o seu espírito toda vez que ela não se contrapõe à fé. Se ele critica a lei, o faz porque é condição única para manter a integridade da fé, sem permitir que ela se desvirtue por uma norma qualquer. Portanto, consciente da sua fé, o teólogo assume posições com relação às leis sociais fazendo com que elas se tornem instrumentos para a realização de uma verdade maior: a vontade de Deus sobre o homem.

Espaço para um verdadeiro diálogo entre a Igreja e a sociedade, a teologia e as ciências sociais, o teólogo e a cultura popular

Conclusão

À guisa de conclusão, resta dizer que se faz mister aprofundar as questões aqui apenas acenadas, como condição da eficiência e eficácia do labor teológico no cumprimento de sua função social.

PAULO BRATTI — PEREGRINO DO ABSOLUTO

Dr. Paulo Leonardo Medeiros Vieira
Advogado e Professor de Direito
Constitucional da UFSC

No dia 15 de maio de 1982, Padre Paulo Bratti deixava o convívio dos seus amigos, partindo sem aviso prévio para a Casa do Pai.

Não saberia dizer o que mais impressionava nesse padre de educação refinada, de vastíssima cultura humanística; de humor às vezes britânico, às vezes irreverentemente carioca. Era culto e humilde ("Eu sou um pecador que Deus amou"); sereno mas seguro, alegre e pacífico. Creio, porém, que o nuclear em Paulo Bratti era sua fidelidade à Igreja, que amou com generosidade nas mais radiosas e nas mais dolorosas circunstâncias do seu ministério.

Todos os seus dotes giravam em torno dessa entrega como coloridas bolinhas de árvore de Natal, com as quais se pretendesse enfeitar o Sol.

Na passagem do décimo aniversário de sua morte, quero recolher, em sua memória, as impressões mais fortes que me ficaram do último Retiro Espiritual que pregou, precisamente três semanas antes de morrer.

Tive o privilégio de participar desse encontro pascal promovido pelo Coral Santa Cecília, na bucólica Angelina, no acolhedor Colégio das Irmãs Franciscanas de São José.

Dessa experiência quero reproduzir algumas reflexões em torno da Morte e da Ressurreição. Pe. Paulo discorreu sobre a morte sem suspeitar que ela o espreitava tão de perto, mais para desdita nossa, acredito, do que dele. Não que não amasse

Espero, e acredito que assim será, que o clima da *Nova Evangelização* no qual vive atualmente a América Latina, propicie espaço para um verdadeiro diálogo entre a Igreja e a sociedade, a teologia e as ciências sociais, o teólogo e a cultura popular. Meditando sobre o mundo ou comprometido com a ação, ensinando a obedecer às leis ou a respeitar os autênticos valores, animando a revolta ou inspirando o permanente esforço de reforma, o teólogo cumpre a função do seu estado, dentro da sociedade, compartilhando os riscos, mas não as ilusões do regime escolhido. Só deixaria de merecer seu nome no dia em que compartilhasse do fanatismo ou do ceticismo dos ideólogos, ricos em meios mas ignorantes do Fim. Tal é seu dever de estado, tal é sua função social.

NOTAS

(1) Adaptação do texto filosófico de Raymond ARON, in "*Dimensiones de la Consciencia Histórica*", Editorial Tecnos, Madrid, 1962.

(2) De "*perichóresis*", termo que vem de São João Damasceno e que, literalmente, significa uma pessoa presente, habitando, na outra; no estudo da Trindade significa a "circumcissão", ou seja, a comunhão entre as Três Pessoas Divinas.

(3) E. DUSSEL, "*Caminhos da Libertação Latino-americana*", vol. I, Ed. Paulinas, SP, 1984, p. 11.

Endereço do autor:

ITESC — Cx. Postal 5.041
88041-970 — FLORIANÓPOLIS, SC

a vida, mas porque tinha consciência de sua condição de peregrino. Era genuinamente um homem em trânsito, um caminhar perseverante em demanda de sua Pátria definitiva. Era o *homo viator*, de Gabriel Marcel, o grande existencialista convertido, que citava com familiaridade. O peregrino, dizia, é, afinal, o ser que vive a mais terrível de todas as contradições: nasce com a vocação da eternidade, mas carrega em si a semente da destruição.

Paulo Bratti admitia que a morte, humanamente falando, agride nossa ânsia de liberdade; é um destino cortado, uma comunicação rompida, um escândalo para nossa razão. Por isso, advertia, muitos cristãos, quando visitados pela Cruz, blasfemam e movem um processo contra Deus, intimando-o a que se justifique.

Acostumar-se muito mais a buscar o Deus das consolações, do que as consolações de Deus

O cristão, dizia, deve acostumar-se muito mais a buscar o Deus das consolações, do que as consolações de Deus. Claro

que não fazia apologia, mas ensinava que diante da inevitabilidade da morte natural é imperioso evitar a morte espiritual, abominar a morte eterna, praticar a morte mística e exercitar, numa ascese permanente, a morte física.

Como num lampejo de premonição de seu passamento estabelecido para vinte dias depois, a todos confortava com o pensamento bíblico: "É preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus servos", e aduzia a observação de Heidegger: "A morte é companheira do ser". Na perspectiva da fé ela é, sobretudo, o vale que leva o peregrino aos prados eternos para as Bodas do Cordeiro. Profeta da Esperança, Paulo Bratti arrematava com esta confortadora lição da nossa fé: "Ressuscitando Jesus dentre os mortos, Deus pronunciou a palavra última e definitiva: Vitória!"

De modo que, como homem pascal, a certeza da morte não o seduzia nem intimidava. Se não repetia textualmente o Apóstolo Paulo, — "o primeiro depois do Único" — "para mim morrer é lucro, viver é perda", simplesmente caminhava entre as coisas que passam, conforme a bela liturgia que tantas vezes celebrou, com os olhos fixos naquelas que não passam.

Condenava o derrotismo de Sartre, que proclamou ao mundo a sua Náusea: "O homem é uma paixão inútil. É absurdo nascer, é absurdo viver, é absurdo morrer". Ao contrário, como peregrino do Absoluto, sabia como poucos dizer sim à "bondade radical da vida", para tomar de empréstimo essa expressão de Leonardo Boff, que gostava de citar.

Realista, não afirmava ser fácil atingir os ideais de vida cristã que ia propondo. Advertia que muitas vezes, para chegar à Esperança, o homem precisa passar por uma experiência de desespero. A Esperança nasce quase sempre — dizia — de um grito desesperado de socorro ("Do fundo do abismo clamei a ti, Senhor"), porque o coração do homem é uma terra de conflitos.

O homem de Esperança, como já o dissera Monsenhor Luiz Marques Barbosa, é aquele capaz de levantar-se todos os dias de sob os próprios escombros.

Sensível às realidades que o cercavam, Paulo Bratti denunciava a "heresia vital", na expressão de Young, a qual para ele se traduzia em tornar absolutos valores relativos, erigindo altares aos deuses mais em voga neste fim de século: Mamom, Eros e Hybris. Contudo, essa idolatria do Ter, do Prazer e do Poder, ao invés de preencher o vazio do coração dos homens, gera a solidão do indivíduo e a solidão das massas, levando a uma sociedade competitiva mas não fraterna, responsável por uma pirâmide social perversa. Parecia-lhe uma conseqüência necessária, porque "quando se perde o sentido do Deus vivo e de seus caminhos misteriosos e desconcertantes, começa-se a sacralizar falsos absolutos". E completava: "Essa absolutização é inevitável quando falta vida de oração e se perde de vista a transcendência e a gratuidade do Reino de que não podemos dispor".

Não se esgota nestas evocações, é claro, a riquíssima pregação do seu derradeiro Retiro, e nem de longe o fecundo magistério

desse sacerdote, nas suas múltiplas atividades. Jovial e afável, Paulo Bratti trazia como sinal de sua bondade um sorriso que não o abandonou nem no momento extremo de sua caminhada.

Culto, não era apenas — se assim se pudesse dizer — um especialista nas coisas de Deus

Culto, não era apenas — se assim se pudesse dizer — um especialista nas coisas de Deus. Versava com elegância e graça os temas mais variados. As vezes dava a impressão de haver perseguido todo o itinerário literário da conversão de Alceu. Tinha íntima familiaridade com a vasta obra de Bernanos, Chesterton, Maritain, Léon Bloy, Péguy, Rimbaud, Claudel, Mauriac, para não falar da obra do próprio Alceu e de seus companheiros no Centro Dom Vital.

Paulo Bratti teve também — sabem-no os que com ele conviveram mais de perto — seu doloroso cativo. Contudo, coerente, não se entregou à desolação do deserto, mas à mística do Êxodo. Confiante, sabia receber-se todos os dias das mãos amorosas de Deus; humilde, aceitava-se como criatura, professando sua radical indigência diante do Senhor; crente, repetia com o salmista: "O Senhor é meu Pastor"; fraternal, secundava João XXIII: "O amor une as diferenças, sem apagá-las"; guia espiritual, repetia o testemunho de Claudel acerca de sua conversão: "Travou-se em mim, durante quatro anos, uma guerra civil: a guerra do pronome contra o Verbo. Somente a venci quando capitulei, consentindo que o Senhor tomasse conta de minha vida".

Vinte e cinco de abril de 1982. É quase noite, o retiro acabou. O Coral Santa Cecília despede-se das freiras e dos serviços solícitos, cantando, da Ópera Nabuco, de Verdi, o "Va Pensiero" que evoca os hebreus no cativo, chorando a saudade e o exílio, mas de olhos postos na Terra da Promissão. Vinte dias depois, diante do esquife de Paulo Bratti, ocorreu-me que a intuição do Pe. Ney Brasil Pereira, Regente do Coral Santa Cecília, tivera também um lampejo de premonição ao escolher aquele número para despedir-se, não só de Angelina, mas sobretudo do amigo dileto que, sem o saber, estava de malas prontas para viagem maior, no rumo do Futuro sem fronteiras.

Endereço do autor:

Rua Esteves Júnior 458/602 (Edifício Flamboyant) — Centro
CEP 88015-530 — FLORIANÓPOLIS — SC

PAULO BRATTI — "UM PECADOR QUE DEUS AMOU"

Reflexões bíblicas a partir do seu epitáfio

Pe. Ney Brasil Pereira
Professor de Exegese

O transcurso do 10º aniversário do falecimento de Padre PAULO BRATTI, primeiro Diretor do ITESC, leva-me a tentar aprofundar, nas páginas desta revista — que foi um dos seus sonhos (1) — os termos do epitáfio que fizemos gravar sobre seu túmulo, no cemitério de São Francisco de Assis, no Itacorubi, Florianópolis. Não nos ocorreu, na oportunidade, frase que melhor exprimisse

a sua rica personalidade do que estas palavras, colhidas mais vezes de seus lábios: "Sou um pecador que Deus amou. Ele tem preferências escandalosas." Aliás, no seu túmulo ficou gravada só a primeira parte do pensamento, suficientemente eloquente, marcada como está pelo paradoxo do "pecador" — "que Deus amou".

Entre os textos bíblicos que se poderiam apontar como parale-